



**ENTRE MONUMENTALIZAÇÕES E CONEXÕES:
ARQUITEXTOS E CONCEITOS DE HISTÓRIA NA
HISTORIOGRAFIA CANÔNICA EM SOBRAL NO SÉCULO
XX**

**BETWEEN MONUMENTALIZATIONS AND
CONNECTIONS: ARCHITECTS AND CONCEPTS OF
HISTORY IN CANONICAL HISTORIOGRAPHY IN
SOBRAL IN THE 20TH CENTURY**

Thiago Braga Teles da Rocha*

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC/CE

 <https://orcid.org/0000-0003-4147-7019>

thiagorochoa90@outlook.com

RESUMO: Neste texto, discuto aspectos teóricos e metodológicos das principais obras historiográficas de cinco sacerdotes que foram responsáveis, ao longo do século XX, por fabricarem versões para o passado de Sobral, refletindo sobre o lugar social de produção dos clérigos, as tipologias do que considero *arquitéxtos* da história de Sobral, as aspirações dos sacerdotes enquanto cânones e seus conceitos e suas imagens de história.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita da História; Sobral; fabricação de passados.

ABSTRACT: In this text, I discuss the theoretical and methodological aspects of the main historiographical works of five priests who, throughout the 20th century, were responsible for crafting versions of Sobral's past. I reflect on the social place of production of the clergy, the typologies of what I consider the foundational texts of Sobral's history, the aspirations of the priests as canons, and their concepts and images of history.

KEYWORDS: Writing of History; Sobral; manufacturing of pasts.

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE . É professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC/CE e da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

Não me peça que eu lhe faça uma canção
como se deve
Correta, branca, suave, muito limpa, muito
leve
Sons, palavras, são navalhas
E eu não posso cantar como convém
Sem querer ferir ninguém
(BELCHIOR, 1976).

Sobral, uma cidade localizada na zona noroeste do Ceará, a 230 quilômetros de Fortaleza, apresenta-se, nos últimos anos, como uma *cidade histórica*. Desde que parte do centro da cidade foi erigido à condição de *Patrimônio Histórico Nacional* pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1999, o projeto político da cidade, liderado pelo grupo do ex-prefeito Cid Ferreira Gomes (1997-2004), que tem a partir de 2017 um irmão como prefeito, Ivo Ferreira Gomes, busca aliar o discurso de tradição da cidade, alicerçado em seu suposto distinto passado histórico, com a ideia de modernização da urbe.

Como habitante da cidade e pesquisador de sua história, vivenciei, ao longo de minha trajetória, o encontro com os discursos historiográficos que são usados para legitimar a ideia de tradição de Sobral, erigido especialmente por cinco sacerdotes que se dedicaram, como uma linha de montagem, com enunciados similares em diferentes formas de composição de obras, a fabricarem um passado glorioso para a cidade. Fortunato Alves Linhares (1869-1960), Vicente Martins da Costa (1880-1948), Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), João Mendes Lira (1925-2005) e Francisco Sadoc de Araújo (1931) escreveram diversas obras, sendo muito influentes na composição do imaginário do que fora a cidade no passado.

Ao ter contato com os títulos escritos por estes padres, tive inicialmente o impacto de que suas obras eram *monumentos*, erigidos para um incessante ato de lembrar, que estava atrelado à cultura de Sobral. Essa noção de *monumento* que partilho advém de Jacques Le Goff (2008, p. 526), o qual afirma que “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.

Todavia, com o tempo, passei a buscar compreender esses textos fundamentais em outra perspectiva, ainda em diálogo com Le Goff (*idem*), de como têm valor de *documentos*, ou seja, funcionam como “prova” do passado. Ou seja, essas obras podem

ser compreendidas tanto como *documentos* quanto *monumentos* e podem, ainda, manter uma relação entre si, pois, como afirma Michel Foucault (2010, p. 8),

[...] a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra, onde se decifram rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto.

O movimento de transformar um texto em *documento* e o de constituir-lo em *monumento* é, portanto, histórico. Os textos, dessa forma, trazem consigo historicidade e, a partir da Teoria da História e da História da Historiografia, busco condições para problematizar o passado e seus atores sociais a partir de suas próprias obras.

Neste texto, proponho-me a abordar as principais obras escritas por esses sacerdotes que fabricaram o passado da cidade, colocando sob análise, em três tópicos, suas estruturas, seus anseios como cânones e monumentos para o futuro e a elaboração de seus conceitos de História. Por fim, teço uma conclusão, realizando uma reflexão acerca da influência desta forma de Historiografia, que antecede pesquisas acadêmicas, para a composição da tradição da cidade.

OS ARQUITEXTOS DA HISTÓRIA DE SOBRAL

Compreendo a história, além de uma arte em sua composição e uma ciência em sua forma de construção, como um gênero marcado por disputas discursivas, sendo um interessante espaço para a percepção de enunciados. Ao analisar as produções de cinco clérigos, que partilham entre si interesses e narrativas similares, entendo que a busca por escavar regularidades discursivas e estratégias de enunciação seja fundamental. Nesse aspecto, concordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, quando ele afirma que “Todo discurso tem uma relação de coexistência com outros discursos com os quais partilha enunciados, conceitos, objetivos, estratégias, formando séries que devem ser analisadas” (2009, p. 235).

Os textos escritos pelos sacerdotes obedeceram a estratégias distintas de montagem, mas mantiveram consigo aspectos narrativos similares, da forma como se cada um servisse ao seguinte como *inspiração* ou *cânone* a ser seguido. Separados ou em conjunto, funcionam para a escrita da história da cidade como *arquitéxtos*, ou seja, em um sentido similar ao proposto por Bronckart (2005, p. 240), nos quais os textos elaborados pelas gerações precedentes são utilizados e reelaborados por atores sociais

posteriores. Os textos escritos pelos clérigos são uma espécie de eterno início de como o passado de Sobral deve ser narrado, servindo como referência e comando, em diferentes formas de críticas, para memorialistas, historiadores acadêmicos e para o poder público.

Em 1922, Fortunato Alves Linhares publica, na *Revista do Instituto do Ceará*, o artigo *Notas históricas da Cidade de Sobral*. Quase duas décadas depois, no ano de 1941, em meio às comemorações do centenário da elevação de Sobral à condição de cidade, o padre Vicente Martins da Costa lança a obra *Homens e Vultos de Sobral*. Após onze anos, em 1952, Dom José Tupinambá da Frota edita *História de Sobral*. Os três clérigos supracitados tinham ligações próximas ao Instituto do Ceará, sendo seus sócios e, no caso dos dois primeiros, publicando variados textos na Revista do Instituto do Ceará.

Na década de 1970, após a morte dos componentes do que nomeio como primeira geração de padres fabricantes de passados, dois outros clérigos começam a publicar uma série de livros, que tem como protagonistas as obras *De Caiçara a Sobral*, lançada por João Mendes Lira em 1971, e *Cronologia Sobralense*, em cinco volumes, lançada a partir de 1974 por Francisco Sadoc de Araújo. Estes dois clérigos, que compõem a segunda geração de padres fabricantes de passados, têm suas atividades ligadas à Universidade Vale do Acaraú (UVA), que Sadoc de Araújo fundou em 1968 e em que ambos ensinaram, especialmente no Curso de História.

Os cinco clérigos tiveram um acesso privilegiado às fontes eclesiásticas, de acesso limitado na Diocese de Sobral, possibilitando que sua articulação e o uso do que elegeram como documentos, em suas obras, seja, em muitos momentos, em primeira mão, o que me fez pensar se estas obras não foram montadas, especialmente, para funcionarem como narrativas, mas como arquivos para a cidade. É um movimento ligado ao momento de produção dos clérigos, pois, como bem aborda a historiadora Virgínia Buarque, a produção historiográfica realizada por sacerdotes está articulada a um contexto de profundas transformações no Brasil e no mundo, já que o início do século XX foi o “período que, nas sociedades ocidentais, a religião perdeu sua hegemonia de conferência de sentido à vida social [...]” (2012, p. 20).

A produção dos clérigos é atravessada pela problemática do que é produzir história em diferentes décadas do século XX, em Sobral, afastada naquele momento das discussões acadêmicas que talharam o saber historiográfico como o conhecemos hoje. Os autores não se caracterizaram por debates teóricos, nem por grande articulação com autores de outras instituições. Se avaliássemos essa forma de escrita do passado, deixando de lado o local e o momento de produção, apenas com o olhar de como é produzido o

conhecimento histórico hoje, talvez consideraríamos os textos como algo mais distante do que é historiografia. Entretanto, tomando como base obras da história da historiografia, como *Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen*, de Temístocles Cezar (2018), e *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, de François Hartog (2014), defendo que a história da escrita da história, assim como quaisquer outros problemas estudados por um historiador, devem levar em conta as dimensões do *tempo* e do *espaço*, compreendendo tanto que as *rupturas* como as *continuidades* perpassam por estas dimensões, inferindo em diferentes formas de produção de historiografia.

Além disso, as obras foram recepcionadas pela comunidade de historiadores da época, bem como outros autores que produziram academicamente versões sobre a História da cidade nas últimas décadas, como sendo seus pares. Os *arquitéxtos* foram tidos como referência de pesquisa, como domínio de fontes e de construção de uma ordem do tempo para a História de Sobral, em uma forma organizada de elaboração do relato sobre o passado.

Em comparação com o cenário brasileiro, compreendo que a produção dos primeiros clérigos, entre as décadas de 1920 e 1950, está muito próxima da forma de constituição do conhecimento histórico que era praticado nos institutos históricos regionais, além do brasileiro, desde o século anterior. É uma constituição intelectual que formulava, por meio das publicações, identidades espaciais, que serviam aos interesses da constituição da nação, algo próprio desde o século XIX. Como afirma Manoel Luís Salgado Guimarães (1988, p. 5), ao refletir sobre o espaço de disciplinamento da produção historiográfica,

O caso brasileiro não escapará, neste sentido, ao modelo europeu – e isto certamente trará consequências cruciais para o trabalho do historiador em nosso país –, ainda que deste lado do Atlântico outro será o espaço da produção historiográfica. Não o espaço sujeito à competição acadêmica própria das universidades europeias, mas o espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas que conheceram seu auge na Europa nos fins do Século XVII e no Século XVIII.

Em uma dimensão local, os textos dos clérigos serviam para a constituição de uma identidade para Sobral. Fortunato Alves Linhares, Vicente Martins da Costa e Dom José Tupinambá da Frota foram associados aos Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Os dois primeiros publicaram textos na *Revista do Instituto do Ceará*. Dom José, por seu turno, era associado e reproduziu diversos textos presentes na *Revista do Instituto* em seu *História de Sobral*. Este momento de produção está

associado à afirmação de Sobral como uma espacialidade relevante para a dinâmica política e econômica do Ceará, associando-se ao projeto de composição de narrativas para as espacialidades empreendido pelo Instituto do Ceará desde o século anterior.

Já João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo tiveram uma relação mais próxima com a Universidade Estadual Vale do Acaraú, fundada e administrada pelo segundo, sendo ambos professores da instituição. Todavia, a UVA não estava integralizada às discussões acadêmicas historiográficas ao longo dos anos 1970 e 1980, quando os clérigos publicaram a maior parte de suas obras. Este momento de produção é distinto dos clérigos que os antecederam, pois é um momento em que a cidade perde protagonismo frente à outras espacialidades do estado, em especial a própria capital, deixando ter a mesma relevância do ponto de vista eleitoral de outrora. Nesse contexto, a produção de Sadoc de Araújo e Lira buscava defender certa memória que havia sido erigida por seus confrades nas décadas anteriores.

Ao se analisar as estruturas das obras, identifica-se a composição em diferentes gêneros de escrita da história. *Notas Históricas de Sobral*, de Linhares, publicado originalmente em 1922, é uma síntese histórica, de quarenta páginas, que realiza a narrativa dos fatos que o autor elege como os mais marcantes da cidade. Este texto contou como uma nova edição, sendo publicado em 1945 em forma de livro, com uma apresentação escrita pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota.

Já *Homens e Vultos de Sobral*, publicado originalmente em 1941, traz, em sua estrutura, duas partes diferentes. Na primeira, Vicente Martins da Costa constrói, em cerca de trinta páginas, o que intitula como *Resenha Histórica de Sobral*, no qual realiza, assim como seu colega de batina, uma síntese dos principais acontecimentos eleitos para a história da cidade. Já a segunda parte, propriamente intitulada como *Homens e Vultos de Sobral*, é marcada por quase trezentas páginas pela narrativa da vida de trezentos e noventa e seis personagens, em maioria absoluta de homens, eleitos como os principais sobralenses ao longo da história.

História de Sobral tem uma estrutura ímpar. Escrito pelo primeiro bispo da cidade, Dom José Tupinambá da Frota, que foi o prelado entre 1916 e 1959, e publicado em 1952, é um texto com estrutura confusa, com mais de seiscentas páginas, causando grande impacto quando visto pela primeira vez. Sua forma e composição, com linguagem difícil e a citação quase mítica dos acontecimentos eleitos, faz com que se pareça com uma bíblia para a História da cidade, algo bem distante das características de uma

composição historiográfica contemporânea, baseadas em uma intriga narrativa, como as apontadas por Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa* (2010).

Dom José fez uma grande seleção de documentos, livros e artigos publicados sobre a cidade de Sobral e os reproduz, de forma recortada, na maioria das vezes sem articulação e comentário, com uma sequência confusa de temáticas, mas que mantém a Igreja Católica e os personagens tipificados como civilizados sendo os protagonistas. Aparentemente, o bispo desejava construir um *arquivo* para a cidade, publicizando o que sua interpretação selecionava como o que deveria nortear a escrita do passado de Sobral.

A noção de *arquivo* com a qual trabalho é distinta da imagem comum, pois o concebe como um local no qual estão documentos antigos advindos do passado. Opto por uma outra compreensão, em diálogo com os filósofos Jacques Derrida e Michel Foucault. Em Derrida, a noção etimológica de arquivo traz consigo a noção não apenas de originário ou primitivo, mas também o de comando, pois

[...] De certa maneira, o vocabulário remete bastante bem, como temos razões de acreditar, ao arkhê, no sentido físico, histórico ou ontológico. Isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo em suma, ao começo. Porém, ainda mais, ou antes ainda, “arquivo” remete ao arkhê no sentido nomológico, ao arkhê do comando (2001, p.12).

Essa perspectiva é reforçada ao dialogarmos com Michel Foucault, que, ao analisar a ideia de composição do arquivo, afirma que,

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...] (2009, p. 146).

Empreende-se que a noção de arquivo para Foucault funciona como um autorizador de enunciados, que mantém em si relações dinâmicas e múltiplas, sendo formadas em diferentes configurações do que se elege como documento. Entendo, então, o arquivo como o que é definido pelo historiador em sua atividade de pesquisa como documentos, funcionando como seus referentes para a construção da intriga histórica. Ou seja, o que se chama de arquivo, tradicionalmente, pode até ser de fato o arquivo eleito pelo historiador, mas há uma gama infundável de problemáticas que são possíveis a partir de documentos diversos, que o historiador irá arquivar e utilizar como seu comando narrativo.

Quando Dom José definiu quais documentos e textos seriam recortados e colocados e reproduzidos em *História de Sobral*, o bispo expôs o seu *arquivo* aos leitores, em vez de uma narrativa historiográfica, imprimindo assim, aparentemente, a função do livro não ser lido de uma ponta a outra, mas como um *corpus* de consulta para o passado glorioso da Igreja Católica e da cidade. No único trecho do livro escrito em primeira pessoa, que ajuda a esclarecer seus anseios, o bispo propõe, da seguinte forma, sua dedicatória:

À virgem imaculada
- Nossa Senhora da Conceição -
Padroeira da cidade e da Diocese de Sobral,
com reverente e filial afeto,
dedico
este documentário
relativo à História de Sobral,
o qual desejo seja pelos sobralenses
considerado testemunho
do grande amor que consagro
à minha terra e à minha gente.

Sobral, 19 de março de 1952.

† José Tupynambá da Frota
Bispo de Sobral (Frota, 1995, p. 4)

Observemos que a forma, como se fosse uma oração, assinada em 19 de março, que é o dia de São José, santo considerado o padroeiro do Ceará e entidade homenageada com o nome do bispo, imbrica ainda o nome da padroeira à composição de uma obra sobre a história de Sobral. Mais importante ainda para este texto é o conceito do que a obra é para o seu autor, um *documentário*. Entendo que esta noção que o bispo trabalha seja um sinônimo para *arquivo* na lógica proposta por Dom José, pois advém justamente desta seleção quase infindável dos documentos que devem referenciar os acontecimentos da cidade.

Todavia, avalio que podemos compreender que este *documentário* revele também, como o próprio Dom José afirma, o *testemunho* do amor que consagra a sua terra, tecendo um passado glorioso. Em diálogo com Agamben, a partir de Foucault e Benveniste, a noção de testemunho se diferencia de arquivo, pois, enquanto arquivo designa o sistema de relações entre o não-dito e o dito, testemunho se liga à relação entre o dentro e o fora da língua, o dizível e o não-dizível, a possibilidade de dizer ou a impossibilidade de dizer algo, “ou seja, entre uma potência de dizer e a sua existência, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de dizer” (AGABEN, 2008, p. 146).

A publicação do *documentário* que demonstra o que Dom José desejava *testemunhar* denota a ideia de que para o bispo bastava a reprodução dos documentos para se conhecer o passado. Esta concepção de história, baseada numa reprodução cronológica dos documentos e acontecimentos, parece com a que teóricos como Louis Halphen (1946, p. 50) propuseram no passado. Ela assemelha-se ao que Hayden White (2014, p. 110), classificou como “crônica ingênua”, por conta de sua relação causal. Entretanto, mesmo com estas características, a obra de Dom José se mostrou muito influente para a história da cidade, como ressalta o historiador Francisco Dênis Melo,

O livro de Dom José Tupinambá da Frota, *História de Sobral*, publicado em primeira edição em 1952, é uma obra densa com praticamente 630 páginas, sendo a referência mais acabada de uma historiografia local marcada sensivelmente pelo lugar de produção da obra, no caso o lugar de bispo e chefe local da Igreja Católica de Sobral, obra que até pelo menos a década de 90 do século passado, quando o Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, a partir dos cursos de História e Ciências Sociais, começou a produzir novas interpretações para a História Local, traçava os rumos da memória e da história local (2013, p. 163).

A forma de publicação de versões do passado como *documentários* foi influente em outros clérigos, com especial destaque para o padre João Mendes Lira, que publicou diversas obras formadas quase que totalmente pela reprodução de documentos. No entanto, a obra de principal destaque de Lira é *De Caiçara a Sobral*, lançada em 1971, e estruturada em duas partes distintas. Uma primeira, sem título, é dividida em quatorze capítulos que fazem uma síntese histórica da cidade, com destaque especial para os períodos colonial e imperial. Uma segunda parte, intitulada *Sobral Moderna*, traz uma análise sobre aspectos políticos e econômicos da cidade no momento de produção da obra.

Entretanto, é Francisco Sadoc de Araújo que identificamos como uma espécie de continuador da obra de Dom José Tupinambá da Frota. Seu texto mais relevante foi a sua *Cronologia Sobralense*, lançada originalmente em cinco volumes entre os anos de 1974 e 1990 e reeditada, mantendo a divisão inicial, no ano de 2015. Esta obra não pode ser entendida como um “documentário”, pois não se baseia na reprodução de documentos eleitos como essenciais. Também não pode ser compreendida como uma síntese histórica, baseada em uma intriga narrativa. É, por seu turno, um texto organizado em uma grande sequência de datas associadas a eventos que o clérigo elege como os mais relevantes para a história da cidade. Parece-se com um dicionário, no qual os verbetes, em vez de ir de A a Z, seguem uma diacronia desde 18 de janeiro de 1604, com a

chegada de Pero Coelho à foz do Rio Camocim (ARAÚJO, 2015a, p. 27) até 28 de dezembro de 1950, com a chegada do Dr. Aristides Andrade Filho, proveniente da Bahia, a fim de abrir consultório médico em Sobral (ARAÚJO, 2015b, p. 232).

Não há articulação narrativa, mas sim uma melhor forma para o manuseio e pesquisa sobre determinado fato ou data da cidade, indicando que o objetivo da obra seria, assim como a de Dom José, não o de se ler como um conjunto, mas a de ser a mediadora para pesquisa. Destaco que a instituição de uma cronologia é algo fundamental para a formulação de uma *ordem do tempo* para a história da cidade, formando a imagem de um tempo uno, como aponta Koselleck (2006, p. 13). É, ainda, como aponta Michel de Certeau, uma possibilidade de recorte do tempo em períodos, invertendo o trajeto que o historiador faz em sua escrita, pois partimos de um *presente*, que está no extremo oposto ao que se delimita como o início do texto (2010, p. 97).

A obra de Sadoc de Araújo, dessa forma, traz a organização que carece em seu antecessor, Dom José, com uma articulação diferente das fontes, onde não há uma narrativa lógica que permeie todo o texto, mas sim a composição de pequenas intrigas em cada verbete. Tais verbetes são articulados a outros, a páginas e páginas de distância, propondo que a data, em si, torna-se mais relevante que a composição de uma intriga por temas ou problemáticas.

Compreendo *Cronologia Sobralense* como um outro exemplo de *arquivo* para a história da cidade, sendo um dos *arquitéxtos* mais influentes para o *comando* da escrita do passado de Sobral, ao lado de *História de Sobral*, de Dom José. Os dois clérigos alcançam, então, o que Paul Ricoeur chama de *senso de autoridade* (2007, p. 177), ao constituírem e instituírem as principais balizas para a escrita do passado da cidade.

José Parsifal Barroso (1913-1986), ex-governador do Ceará entre 1959 e 1963, que foi o prefaciador da primeira edição de *Cronologia Sobralense*, demonstra um pouco a construção dessa autoridade, em que vê Sadoc de Araújo como continuador da obra de Dom José, ao afirmar que,

O título da obra que ora prefacio, com jubilosa ufanía, não define à justa seu valioso conteúdo, pois não se trata de uma simples discriminação de dados e datas, de sentindo historizante, mas de um precioso tesouro de fatos de indiscutível historicidade, joeirados através de um critério que visa a ressaltar e esclarecer, apenas os marcos basilares da História de Sobral, justificando a prevalência de cada um por forma válida e convincente (BARROSO, 2015, p. 16).

A composição da obra é compreendida, então, com diferentes adjetivos, como um “tesouro”. Os dados, os fatos e os personagens selecionados pelo historiador

agradaram ao prefaciador, que foi um personagem político originário de Fortaleza, mas que em Sobral se tornou aliado a Dom José, especialmente por meio de seu sogro, Francisco de Almeida Monte (1895-1963), famoso chefe político da cidade de Sobral.

De maneira geral, compreendo os textos escritos pelos cinco padres que fabricaram passados para a cidade de Sobral, no século passado, como essenciais para a composição do imaginário ainda em voga sobre o tempo pretérito da cidade. Em especial, *História de Sobral* e *Cronologia Sobralense* indicam trabalhos colossais de composição, com a instituição de *arquivos* para a cidade, mas que estão ligados às intencionalidades e ao lugar social de seus autores.

FAZER HISTÓRIA: TEXTOS PRETENSAMENTE CANÔNICOS PARA HISTORIADORES FUTUROS

Michel de Certeau, em seu famoso texto *A operação historiográfica*, na segunda seção, afirma que “‘Fazer história’ é uma prática” (2010, p. 78). É na prática, uma das três dimensões da operação de escrita da história analisadas que, segundo Certeau, o historiador se diferencia das outras formas de produção de narrativas e de saber. É na *prática* que o historiador realiza os procedimentos metodológicos juntos à definição e ao trato dos documentos de sua pesquisa, pois

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na verdade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori* (CERTEAU, 2010, p. 81).

A prática realizada pelo historiador está intimamente ligada ao arquivo que por ele é mobilizado, agindo como importante indicador de suas escolhas e intencionalidades, pois, ao apontar os documentos que escolhe para constituir o arquivo para sua pesquisa, indica que personagens elege para sua narrativa e quais temas opta por nortear sua intriga, privilegiando este ou aquele agente enunciativo. Devemos, pois, encarar a constituição dos documentos que compõem o arquivo eleito pelo historiador com importância, pois, como bem alerta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior,

O historiador tende a ficar atento aos tempos dos eventos aos quais o documento se refere, mas não toma o documento mesmo como evento, como acontecimento de um dado tempo, que indica e emite signos desse tempo, em toda a sua extensão e em todos os seus aspectos (2019, p. 67).

Os sacerdotes que escreveram sobre o passado de Sobral compuseram suas *práticas* a partir de seus *lugares sociais de produção*, marcados, especialmente, por sua participação na instituição religiosa, definindo assim a escolha dos documentos que compõem seus arquivos a partir de fontes advindas da Igreja Católica, como certidões de batismo e casamento, além de inventários e livros de óbitos. Em suas obras, indicam de variadas formas, quais as fontes que trabalharam, apontando para invejável acesso a esses textos em um momento que não havia pesquisas acadêmicas realizadas na região. Sadoc de Araújo, nas referências de *Cronologia Sobralense*, destaca o ineditismo das fontes com que trabalhou, afirmando que

- A grande maioria das informações contidas neste 1º volume é inédita. Colhemos em primeira mão, de documentos originais. Apenas, completamente [sic], recorreremos a livros já publicados. Consultamos os seguintes documentos originais:
- Livros de assentos batismais e matrimoniais - de 1725 a 1800 - arquivados na Secretaria do Bispado de Sobral;
- Livros de óbito do Curato de Acaraú, a partir de 1725;
- Inventários arquivados no 3º Cartório de Sobral;
- Livros de assentos Batismais e Matrimoniais da Arquidiocese de Fortaleza;
- Manuscritos de Soares Bulcão - Arquivos do Inst. Do Ceará;
- Livros de vereações, ordens e contratos da Câmara da Vila de Sobral, arquivados no Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral, a partir de 1773;
- Manuscritos de Dom José Tupynambá da Frota;
- Manuscritos de José Domingues Pessoa de Lira (ARAÚJO, 2015a, p. 493).

As fontes apontadas indicam como os clérigos tinham privilégios, em suas referências, para a montagem de interpretações sobre o passado de Sobral. Os “materiais dispersos” produzidos pela Igreja Católica transformam-se em documentos, sem criticidade sobre suas produções. Clérigos referenciavam a escrita do passado a partir da Igreja e de outros sacerdotes. Sadoc de Araújo traz a obra *História de Sobral*, de Dom José - a quem dedica a obra -, como presente em todos os cinco volumes de sua *Cronologia Sobralense*.

Até o início do período republicano, vigorou o regime de Padroado, que unia Igreja Católica e Estado Brasileiro, e antes da independência, ao Estado Português, o que proporcionou grande concentração na produção de documentos pela Igreja entre os

séculos XVI e XIX. A partir delas, biografias, documentários, sínteses e cronologias foram montadas pelos clérigos.

Ao adentrarmos às obras, em análise como os clérigos compreendiam o *fazer* da história, identifiquei algumas diferenças entre os textos e suas influências. Os padres da primeira geração de clérigos que escreveram passados para cidade dividiram-se entre compor os marcos para a história da cidade e a montagem de um arquivo para gerações futuras. Enquanto os textos de Fortunato Alves Linhares e Vicente Martins da Costa faziam sínteses históricas e definiam os principais personagens para o passado de Sobral, sendo influentes para uma primeira montagem da ordem do tempo daquela espacialidade, a obra de Dom José, bem mais densa e extensa, se estruturava como vimos, a fim de se tornar um arquivo para Sobral.

A segunda geração de sacerdotes, formada por João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo, é marcada por esses padres afirmarem de forma explícita a intenção de deixarem suas respectivas obras como referências para a escrita da história da cidade. João Mendes Lira, em *De Caiçara a Sobral*, indica suas intenções ao afirmar que “Trabalhar por sua terra, enriquecê-la, suscitar pesquisas, ser uma mola propulsora de seu desenvolvimento, considero um dever de todo cidadão equilibrado” (1971, p. 7).

O que seria “*fazer qualquer coisa*”? Ao adentrarmos ao texto, percebemos que a obra é uma grande ode ao passado da cidade, tecido como glorioso, e havendo a necessidade de torná-lo lembrado, proporcionando à Sobral o protagonismo que o autor deseja, em todas as suas obras. Para tal, Lira, de partida, aceita “fazer qualquer coisa”. Em seu caso, o que *fazia* era história.

O clérigo contemporâneo de Lira, Francisco Sadoc de Araújo, nas primeiras páginas de *Cronologia Sobralense*, também foi direto em revelar seus desejos,

Este livro tem a finalidade de traçar, em Dados e Datas, o itinerário histórico desta cidade, como um subsídio ao historiador do futuro. Prevista para ser publicada em três volumes, espero que esta obra forneça alguns elementos ao pesquisador que desejar fazer a História do Vale do Acaraú (ARAÚJO, 2015a, p. 16).

“*Fazer a história*”. Enunciado intrigante que me faz lembrar novamente de Michel de Certeau, no já citado *A operação historiográfica*, quando ele abre o texto com uma inquietação que parece perene ao ofício do historiador: “O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’?” (2010, p. 65), em que o autor responde, após notável argumentação, que produzimos um discurso, uma representação do passado, pois a escrita da história, enquanto uma forma de ilusão realista, “Oscila entre ‘fazer a história’ e

‘contar histórias’, sem ser redutível nem a uma nem a outra” (CERTEAU, 2010, p. 109). Interpreto que, junto ao discurso historiográfico, o historiador também *faz arquivos*, materializa *testemunhos*, transforma *documentos* em *monumentos* e *monumentos* em *documentos*.

Os clérigos que fabricaram passados para a história de Sobral, suponho, jamais leram seu companheiro de batina da ordem dos jesuítas Michel de Certeau, mas parecem ter uma consciência sobre o papel do historiador como criador de versões sobre o passado, ressaltando os seus próprios papéis ao desbravarem o tempo pretérito da cidade, como vemos nos enunciados de Sadoc de Araújo há pouco citados, ou em Vicente Martins da Costa, o que afirmava em 1941, momento da publicação de seu *Homens e Vultos de Sobral*, que “O trabalho está iniciado, esboçado. Outro poderá ampliá-lo, aperfeiçoá-lo, completá-lo” (COSTA, 1941, p. 6).

Interpreto que os textos produzidos pelos sacerdotes sobralenses tinham como mote o objetivo de se tornarem *cânones* para a história de Sobral, funcionando como balizas para a produção de novos discursos historiográficos no futuro, especialmente por mediar o acesso às fontes de contato privilegiado e por indicarem os principais marcos para a composição de uma história pretensamente oficial da cidade. As obras tratadas como fundacionais para a historiografia sobralense se contrapõem aos livros e artigos de autores que produzem outras formas de interpretações sobre o passado em Sobral, muito mais próximas da memória do que propriamente da história, como a obra do memorialista Lustosa da Costa, em especial *Clero, Nobreza e Povo de Sobral* (2006), pois, ao contrário das obras dos clérigos, negligenciaram um apontamento apurado das fontes, de práticas e reflexões metodológicas.

Na esteira da historiadora Karina Anhezini (2009), que ao estudar a produção historiográfica do intelectual Afonso de Taunay compreendeu sua produção como a de um “metódico à brasileira”, compreendo que os clérigos que produziram a história de Sobral podem também ser compreendidos como metódicos que adaptaram práticas correntes nos institutos aos seus interesses e foram abalizados pela historiografia contemporânea e posterior a eles.

Ao avaliarmos como essas obras foram apropriadas pela historiografia acadêmica, especialmente a partir de meados dos anos 1990, percebemos que os interesses dos clérigos foram parcialmente alcançados. Se a nova historiografia produzida não foi marcada por reencenações das obras dos sacerdotes, produzindo passados gloriosos para Sobral, mas sim críticos, as fontes e os apontamentos foram essenciais para

o trabalho dos novos sujeitos a proporem interpretações acerca do passado da cidade. O historiador Raimundo Nonato de Souza, que pesquisou sobre a vida de escravos na cidade, temática praticamente negligenciada pelos sacerdotes, avalia que

Esses autores [os clérigos] deram pouco destaque às experiências dos escravos e silenciaram sobre as histórias dos homens de cor, livres e libertos, limitando-se a descrever as sociedades abolicionistas, a Irmandade do Rosário, os batismos, casamentos e óbitos de escravos e outros fatos do universo da escravidão. No entanto, é importante enfatizar que em seus trabalhos encontramos pistas de famílias escravas e libertas, o que nos possibilitou pensar as estratégias de ascensão destes na sociedade colonial sobralense (SOUZA, 2015, p. 19).

O historiador Edilberto Florêncio dos Santos, em pesquisa sobre a vida teatral da cidade em fins do século XIX e começo do século XX, tem uma visão similar à proposta por Raimundo, destacando especialmente o trabalho de Dom José em *História de Sobral* e de Sadoc de Araújo em *Cronologia Sobralense*, afirmando que elas nos permitem “vislumbrar o conteúdo das fontes mobilizadas por estes autores, algumas delas já não disponíveis à consulta direta no presente” (SANTOS, 2018, p. 15).

Observo que a atividade de pesquisa e o acesso privilegiado às fontes são valorizados pelos historiadores contemporâneos a nós, mas a visão teórica dos sacerdotes não é valorizada. Apesar de notarmos, nas obras dos clérigos, a preocupação com a checagem acerca da veracidade de informações e fontes (FROTA, 1995, p. 149; LIRA, 1971b, p. 10; ARAÚJO, 2015a, p. 294), suas formas de compreenderem a história eram excludentes e carentes de problemáticas e críticas, voltando-se para a construção de versões gloriosas para o passado da cidade na qual viviam e partilhavam dos jogos de poder institucionais.

OS CONCEITOS DE HISTÓRIA DOS SACERDOTES SOBRALENSES

De forma tímida, os sacerdotes se arriscaram, em alguns momentos, em proporem interpretações acerca do ofício do historiador, ou até mesmo buscaram conceituar o que entendiam como história, apontando a sua função para a vida. Vicente Martins da Costa, logo nas primeiras páginas de *Homens e Vultos de Sobral*, em que realiza um diálogo com o leitor de sua obra, lança a reflexão que

A história de um povo não se escreve somente através da narração dos fatos memoráveis, que se realizaram em uma época ou tempo determinado, mas se escreve também pela descrição da vida dos homens de projeção, que em seus feitos atuaram na vida social, quer intelectual, quer política, quer econômica e constituem a representação

de um povo e por isso centralizam [sic] a sua história (COSTA, 1941, p. 5).

A concepção de Vicente Martins, que não aponta para diálogos com outros autores, demonstra a percepção de que a história poderia ser construída a partir de fatos memoráveis ou, especialmente como faz a sua obra, a partir da narrativa da vida de homens que tinham “projeção”, indicando que as vidas de personagens associados às elites ganhariam o protagonismo em sua visão de história. Três décadas depois, Sadoc de Araújo parece partilhar de uma visão de mundo similar sobre o papel dos homens que empreenderam ações que o sacerdote considera como destaque, elegendo-os protagonistas da narrativa histórica, pois,

Hoje, mais do que nunca, o mundo se divide essencialmente entre aqueles que acreditam no homem e aqueles que nele não creem. No mais profundo de si mesma, a história humana nada mais é do que um movimento de consciência e de espiritualidade velado em gestos e obras materiais. O progresso e o crescimento do mundo são impulsionados pelo espírito que é a porção indestrutível do universo. É o homem, afinal de contas, a mola propulsora do desenvolvimento e da evolução. Na formação e educação do homem se encontra resumida toda a vida, toda a cultura e toda a história da humanidade (ARAÚJO, 2015a, p. 25).

Os valores espirituais atrelados às obras materiais são, na visão do autor, impulsionadores de uma noção de progresso, que torna o homem protagonista, tendo como palco a cidade de Sobral, que exemplificou essa articulação entre espírito e realizações. Esta perspectiva que atrela história e progresso é partilhada pelo contemporâneo de Sadoc de Araújo, o clérigo João Mendes Lira, que constrói um predado a fim de se valer do conhecimento histórico em prol do progresso, pois, como sintetiza em sua visão de história, “Se a história se repete procure estudá-la para entender o hoje e prever o amanhã. E quando o passado não fala mais, o presente é vivido sem o entusiasmo e o futuro será por demais incerto” (LIRA, 1971b, p. 3).

Tal preceito é aprimorado, em prol do desenvolvimento não só do indivíduo, mas da cidade:

Uma cidade, um estado, uma nação que desconheça seu passado jamais poderão ter um futuro dinâmico. Recorrer-se às origens históricas é criar condições para o desenvolvimento. Um povo não pode progredir quando desconhece suas raízes históricas, quando cresce sem o alicerce do passado, sem a força e o idealismo dos pioneiros (LIRA, 1971b, p. 10).

Em diversos momentos do livro *Nossa História*, que é uma coletânea de artigos publicados pelo padre na coluna de mesmo nome no jornal *Correio da Semana*, a ideia

de que a história é repetida ocorre quando ela é apropriada pela comunidade e é propiciadora de progresso. Anos depois, ao publicar uma biografia sobre Dom José Tupinambá da Frota (Lira, 1982), o clérigo traz versões deste mesmo enunciado, pensando em uma história que se repete e que pode ser exemplar para a vida da comunidade. É uma definição da função do conhecimento histórico similar ao que Koselleck conceitua como antigo conceito de história, hegemônica na historiografia até o século XIX, em que a ideia de Cícero de *historie magistræ vitæ* era o principal elemento norteador (KOSELLECK, 2018).

Lira é o único dos clérigos que realiza um diálogo teórico com algum outro autor, o historiador britânico Arnold Joseph Toynbee (1889-1975), que teve relevância historiográfica como um dos primeiros a propor uma história das civilizações, em contraposição às histórias nacionais, tendo como alternativa também a história local (Barros, 2010, p. 2). Em um capítulo intitulado *As nossas reminiscências*, no qual o sacerdote tece críticas a mudanças em prédios e monumentos de Sobral, há uma busca de interlocução com o Toynbee:



Há pessoas que não sabem interpretar o progresso achando que ser atual é destruir o passado. Arnald [sic] Toynbee, um dos maiores historiadores da atualidade fez um artigo intitulado: 'HISTÓRIA - FUNÇÃO E VALOR'. Traça o rumo certo do estudo da história mostrando porque se deve estudar história. (LIRA, 1971, p. 45).

A menção ao historiador britânico, articulado ao tema que discute, objetiva uma legitimação teórica para a ideia que Lira empreende em sua obra, ao valorizar o passado a fim de que este seja um impulsionador do progresso da cidade. Lira via a história com pragmatismo, servindo ao seu tempo como uma propulsora de desenvolvimento e atendendo aos interesses do presente e futuro.

As visões de história partilhadas por Lira e Sadoc, alicerçando a função do conhecimento histórico numa perspectiva de progresso, não são muito distintas das compreendidas por Fortunato Alves Linhares, antecessor de ambos como docentes de história no Seminário Diocesano São José. No *prólogo* que escreve para a obra *História de Sobral*, de Dom José, Linhares afirma que

A História não é só a narração fastidiosa dos acontecimentos e fatos de um povo: é descrever, tratar e compreender a índole e a psicologia do mesmo, de que se ocupa o historiador. [...] A História é, pois, compreender e traduzir ao povo o caráter e a inteligência das gerações passadas e o quanto contribuíram elas para a civilização e bem estar [sic] das gerações presentes (LINHARES, 1995, p. 6).

Ao analisarmos o conceito de história empreendido pelos clérigos, percebemos a tentativa de compreensão do homem – seja em espiritualidade, comportamento ou em realizações materiais – como protagonista dos desígnios da divindade que pregam. Ao lermos as obras, fico com a sensação de que os personagens apenas cumprem vontades celestiais, sendo atores de um roteiro estabelecido, obedecendo a uma teleologia divina.

As obras aqui abordadas, publicadas entre a década de 1920 e 1970, mantêm similitudes com as publicações oriundas dos institutos históricos, especialmente o do Ceará, estabelecendo diferenças teóricas com a produção acadêmica que emergiu durante este período no Brasil. É essa forma de produção que continua influente na construção de imaginários sobre o passado da cidade, alicerçada em uma relação de interação com o poder público.

CONCLUSÃO: POR NOVAS IMAGENS DO PASSADO

Ao se aproximar de Sobral, por meio das rodovias que a interligam ao restante do Ceará, vê-se placas que apresentam e propagandeiam a cidade ao viajante, com o seguinte enunciado: “Sobral – Patrimônio Histórico Nacional”. Desde 1999, com o tombamento de parte do centro da cidade pelo IPHAN, as administrações públicas, ligadas ao mesmo grupo político, pautaram seus governos em discursos que tentavam aliar a tradição da cidade histórica com a modernidade de uma cidade em progresso.

Observemos que os enunciados partilham da lógica proposta, especialmente, por Lira (1971b) e Sadoc de Araújo (2015a). Andando pelo centro da cidade, os sobrados e solares da Avenida Dom José, as torres dos diversos templos católicos, o Theatro São João e o Arco de Nossa Senhora de Fátima convivem com praças e *boulevards* modernos, construídos ou reformados nos últimos vinte e cinco anos, com adesão de estátuas mais ou menos agregadas a narrativas da história da cidade, como a de *Einstein* na margem esquerda do Rio Acaraú, ou de *Belchior* próximo ao Theatro São João.

Caso o visitante ande pelas ruas, observando os signos de variados tempos propagandeados pelo poder público, sendo ressignificados, transformando uma versão excludente do passado em uma narrativa includente no presente, impressos por todos os lados, talvez tenha percepção similar ao que Michel de Certeau chamou de *overdose de imagens*, em seu *o imaginário da cidade* (2010a).

Sobral é carregada de imagens do passado, assim como de sínteses históricas, documentários e cronologias escritas pelos sacerdotes que se aventuraram na escrita da história. Retóricas similares ainda são exercitadas no presente, tornando o passado glorioso, em vez de analisá-lo de forma crítica. Talvez fosse a hora, a partir da história, da popularização de outras imagens sobre o passado da cidade. Imagens que, em vez de proporcionarem uma overdose de imagens repetidas, proporcionem uma pluralidade de imagens as quais, apropriando-me da proposta de Didi-Huberman (2012), “toquem o real”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A poética do arquivo: as múltiplas camadas semiológicas e temporais implicadas na prática da pesquisa histórica. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ANHEZINI, Karina. Um metódico à brasileira: a escrita da história de Afonso de Taunay. **Revista de História**, São Paulo, n. 160, p. 221-260, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i160p221-260. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19110..> Acesso em: 29 set. 2024.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800**. 2. Ed. Volume 1. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015a.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense - 1911-1910**. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015b.

BARROS, José D'Assunção. Arnold Toynbee e a história comparada das civilizações. **BIBLOS**, /S. L./, v. 23, n. 1, p. 219-229, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1287>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BARROSO, Parsifal. Prefácio da 1ª Edição. *In*: **Cronologia Sobralense - Séculos XVII e XVIII - 1604-1800**. 2. Ed. Volume 1. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015.

BELCHIOR, Antônio Carlos. Fotografia 3x4. *In*: BELCHIOR, Antônio Carlos. **Alucinação**. Direção artística: Marco Mazzola. São Paulo: PHILIPS, 1976. 1 disco sonoro 37 min).

- BRONCKART, Jean-Paul. Restrições e liberdades textuais, inserção social e cidadania. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 19, 2005. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/467>. Acesso em: 5 ago. 2023.
- BUARQUE, Virgínia. História religiosa, biografia e história intelectual. In: BUARQUE, Virgínia. (Org.). **História da historiografia religiosa**. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránsky. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010a.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- COSTA, Lustosa. **Clero, Nobreza e Povo de Sobral**. Lisboa: Editora de Revistas e Livros, 2006.
- COSTA, Vicente Martins da. **Homens e Vultos de Sobral**. Sobral: [s.n.], 1941.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 206-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 6 ago. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FROTA, José tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In: **Estudos Históricos – 1 – Caminhos da Historiografia**, Rio de Janeiro, 1988.
- HALPHEN, Louis. **Introduction à l'Histoire**. Paris: PUF, 1946.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- IPHAN. **Ata da 18ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural**, de 12 de agosto de 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart [et. al]. **O conceito de história**. Tradução de René Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In.* LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. **Revista do Instituto Histórico**. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922.
- LINHARES, Fortunato Alves. À guisa de prólogo. *In.*: FROTA, José tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.
- LIRA, João Mendes. **De Caiçara a Sobral**. Sobral: [s.n.], 1971a.
- LIRA, João Mendes. **Nossa História**. Sobral: [s.n.], 1971b.
- MELO, Francisco Dênis. **Os Intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL – E a Invenção da Cidade Letrada (1943-1973)**. Tese em História. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Recife - PE, 2013.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, Sp.: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3 volumes. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, Edilberto Florêncio dos. **Entre melodramas e comédias ligeiras: Vida teatral, sociabilidades e costumes em Sobral-CE. (1867- 1927)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **“Minha Riqueza é Fruto do meu Trabalho”: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará / Programa de Pós –Graduação em História Social, Fortaleza, 2015.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Recebido em: 17/10/2023
Parecer dado em: 19/02/2024